

Um presidente com agenda de chanceler

MARIA LIMA

BRASÍLIA — A agenda do presidente nestes 188 dias de governo mais parece a de um chanceler. Dos cerca de 130 dias em que bateu ponto no Palácio do Planalto — descontados fins de semana, feriados e viagens — nada menos que 62 dias foram tomados por empresários estrangeiros, chefes de Estado, banqueiros, intelectuais e outras personalidades de países junto aos quais o Brasil busca cooperação, principalmente econômica.

Poliglota, Fernando Henrique é capaz de manter diálogos sobre política e economia em inglês, francês e espanhol. Durante o exílio ele morou no Chile e na França. Tem hoje ótimo trânsito nos meios acadêmicos, políticos e intelectuais da América Latina e da Europa. Agora, como presidente da República, faz questão de recheiar sua agenda com autoridades do mundo político e econômico mundial.

Ao contrário de Itamar Franco, que mostrava timidez diante dos poucos líderes mundiais que visitaram o Brasil em seu gover-

no, Fernando Henrique visita-os e os recebe com desenvoltura. Viajou para os EUA a fim de se reunir com o presidente Bill Clinton. Encontrou-se na Inglaterra com presidentes e chefes de Estado de vários países. Já visitou em caráter oficial Uruguai, Chile, Venezuela e Argentina — de onde voltará hoje de sua segunda visita desde a eleição. Dia 19 irá a Portugal. Também deve ir ao Peru para a posse do presidente reeleito Alberto Fujimori, nos próximos meses retornará aos EUA e até o fim do ano cumprirá um roteiro de viagens que inclui Alemanha, Bélgica e Chi-

na.

Fernando Henrique já recebeu duas vezes dirigentes da Força Sindical e uma vez recebeu a direção da CUT. Já recebeu também dirigentes da Contag, OAB, CNI, CNT, CNBB, Anistia Internacional, Central de Movimentos Populares, Lions, Assembléia de Deus, Abert, IAB e outras entidades de trabalhadores e patrões. Mas não há termo de comparação em relação ao espaço destinado na agenda a empresários, delegações estrangeiras, banqueiros e autoridades do mundo financeiro internacional. Por esse aspecto, é pequena a

presença de representantes de organismos de classe e até setores do empresariado nacional: 26 dias da agenda. Além de executivos dos grandes grupos multinacionais, ele já recebeu a ministra de Negócios Estrangeiros da Itália, Suzanna Agnelli, representantes do Grupo de Investidores Estrangeiros (GIE) e homens de negócios interessados em investir no Brasil como Malcom Forbes Júnior e Ewerest Briggs, do Conselho das Américas.

Isso revela a preocupação de Fernando Henrique em fazer uma política externa voltada inteiramente para a abertura do

mercado interno e para a captação de recursos estrangeiros. Neste período, já ouviu promessas de investimento que deixariam com inveja seus colegas latino-americanos.

Antes mesmo de assumir, o presidente já dizia que daria caráter pessoal à política externa. Batizou a iniciativa de "diplomacia presidencial". Amigos e colaboradores próximos dizem que Fernando Henrique, chanceler por um ano no Governo Itamar Franco, está feliz na Presidência mas até hoje sente saudades do Itamaraty.